



 Iara de Castro Moraes¹

 Géssica Mercia de Almeida²

 Elisabetta Recine¹

¹ Universidade de Brasília^{ROR},
Faculdade de Ciências da Saúde,
Departamento de Nutrição,
Brasília, DF, Brasil.

² Universidade Federal de Goiás^{ROR},
Faculdade de Nutrição,
Departamento de Nutrição,
Goiânia, GO, Brasil.

Correspondência

Iara de Castro Moraes
nutricionista.iaramoraes@gmail.com

Editoras Associadas

 Cristiane Marques Seixas

 Juliana Pereira Casemiro

 Luciana Azevedo Maldonado

 Maria Fátima Garcia Menezes

Conteúdo programático e referencial bibliográfico da disciplina de Educação Alimentar e Nutricional: uma análise documental

Syllabus and bibliographic references for the course of Food and Nutrition Education: document analysis

Resumo

Introdução: A Educação Alimentar e Nutricional (EAN) é considerada estratégica para enfrentar os atuais desafios nos campos da Saúde, Alimentação e Nutrição. Integra o currículo obrigatório nos cursos de graduação em Nutrição, pois deve fazer parte das ações do nutricionista em todos os campos de atuação. **Objetivo:** Analisar o conteúdo programático e as respectivas referências bibliográficas contidas nos planos de ensino da disciplina de EAN das instituições de ensino superior (IES) do Brasil. **Métodos:** Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, de base documental. Para análise dos documentos, foi utilizada a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016). **Resultados:** A partir da leitura dos programas, identificaram-se 14 temas trabalhados ao longo da disciplina, dentre os quais: Metodologias, técnicas, didáticas e recursos para trabalhar a EAN; EAN para diferentes públicos/ambientes; Correntes teóricas e pedagógicas da Educação; Histórico da Educação Alimentar e Nutricional; Planejamento, desenvolvimento e avaliação de projetos educativos; Comportamento alimentar e Antropologia e alimentação. Foram citadas 203 obras, e dentre as principais bibliografias estão “Nutrição e Metabolismo: Mudanças Alimentares e Educação Nutricional” e “Educação alimentar e nutricional: algumas ferramentas de ensino”, que apareceram em 70% e 67% dos planos de ensino, respectivamente. **Conclusão:** Na disciplina, existe um olhar voltado para trabalhar as metodologias, técnicas, didáticas e recursos, além de uma grande valorização dos projetos educativos. Observou-se coerência entre esses conteúdos com as referências propostas. Apesar da boa frequência com que os temas relacionados a educação e antropologia da alimentação apareceram, foram poucas as bibliografias que tratavam dessas temáticas.

Palavras-chave: Nutricionistas. Educação Alimentar e Nutricional. Formação.

Abstract

Introduction: Food and Nutrition Education (FNE) is considered strategic to address the current challenges in the fields of Health, Food and Nutrition. It is a required course in the curricula of undergraduate programs in Nutrition, as it must be part of the practice of nutritionists in all fields of activity. **Objective:** To analyze the syllabus and the respective bibliographic references contained in the plans of FNE courses taught in Brazilian higher education institutions (HEIs). **Methods:** This is a qualitative, exploratory, and descriptive documentary study. The analysis of documents was based on content analysis, as proposed by Bardin (2016). **Results:** After reading the programs, we identified 14 themes explored throughout the course, for example: Methodologies, techniques, teaching practices and resources to teach FNE; FNE to different audiences/environments; Theoretical and pedagogical thinking in Education; History of Food and

Nutrition Education; Planning, development, and assessment of educational projects; Eating Behavior; Anthropology and Food. A total of 203 works were cited, and the main bibliographical references include "Nutrição e Metabolismo: Mudanças Alimentares e Educação Nutricional" and "Educação alimentar e nutricional: algumas ferramentas de ensino", which appeared in 70% and 67% of the course plans, respectively. **Conclusion:** The course is focused on methodologies, techniques, teaching practices and resources; in addition; educational projects are highly appreciated. The course contents were found to be consistent with the proposed references. Although themes related to nutrition education and anthropology of food appeared quite frequently in the course plans, few bibliographical references mentioned such themes.

Keywords: Nutritionists. Food and Nutrition Education. Education and training.

INTRODUÇÃO

A Educação Alimentar e Nutricional (EAN), no contexto da promoção da saúde e da Segurança Alimentar e Nutricional, é considerada uma estratégia importante para enfrentar os novos desafios nos campos da Saúde, Alimentação e Nutrição. A EAN, segundo o Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas, é um campo de prática, um processo que envolve reflexão sobre o ato de comer, comportamento alimentar, conscientização sobre a importância da alimentação para a saúde, possibilitando a transformação e o resgate de hábitos alimentares, cultura, sustentabilidade e sistema alimentar, entre outros princípios.¹ Logo, além de ser uma disciplina obrigatória nos cursos de Nutrição, deve fazer parte das ações do nutricionista em todos os campos de atuação.^{2,3}

Os primeiros estudos registrados sobre a então denominada Educação Alimentar remontam à década de 1930, com as pesquisas realizadas por diversos autores, como Josué de Castro e os estudos desenvolvidos por Gilberto Freyre.⁴ Josué de Castro expôs a situação de desigualdade e fome no país, enquanto Gilberto Freyre publicava o primeiro e mais completo ensaio sociológico sobre o padrão e os hábitos alimentares da sociedade brasileira.^{1,5}

Entre os anos 1960 e 1970, a Educação Nutricional tinha um caráter eminentemente técnico e focado no objetivo de ensinar os grupos de menor renda a se alimentarem dentro dos parâmetros biológicos, trabalhando com ações que apenas valorizavam a dimensão nutricional dos alimentos e desconsideravam os aspectos culturais e sensoriais.¹ A partir da década de 1990, as ações educativas passaram a ser denominadas de Educação Alimentar e Nutricional, sendo tema de discussões em congressos da área, com novas perspectivas de atuação, valorizando a ênfase no sujeito, na democratização do saber, na cultura, na ética e na cidadania.⁶

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2001, vigentes ainda nos dias de hoje, trazem como perfil do egresso o profissional com formação generalista, humanista e crítica.⁷ Há uma discussão atual no sentido de reformulação das DCNs, tendo como recomendação a Resolução nº 704, de 20 de outubro de 2022, com contribuições do Conselho Nacional de Saúde. Nesse documento, sobre o perfil do graduado, vale citar um dos princípios apresentados, sendo: “educação de caráter técnico-científico, investigativo, ético, político, humanista, reflexivo, empreendedor, inovador e democrático, numa perspectiva emancipatória e crítico-transformadora”.⁸

O modo como a disciplina de EAN é estruturada e os conteúdos abordados irão gerar os elementos básicos da formação do profissional nessa área.⁹ Recine et al.¹⁰ analisaram planos de ensino de 46 instituições, públicas e privadas do país, através da análise textual, adotando a teoria das representações sociais como modelo teórico. O estudo demonstrou a necessidade de reestruturar os planos de ensino-aprendizagem, com o objetivo de promover maior integração entre teoria e prática, além de aprofundar a base teórica e conceitual no contexto da multidimensionalidade do comportamento alimentar. Identificaram, ainda, a necessidade de maior integração da disciplina com o restante do curso, uma vez que as habilidades e competências trabalhadas precisam ser adotadas em todos os campos da prática profissional.

Os elementos constitutivos básicos de um plano de ensino-aprendizagem são: ementa, objetivos, conteúdo programático, metodologia, avaliação, bibliografia básica e complementar.¹¹ O conteúdo programático se refere às estruturas em formato de seções (ou módulos) que detalham os assuntos gerais e específicos abordados, e que necessariamente precisam ser contemplados dentro da ementa. Junto ao conteúdo programático, a bibliografia tem grande importância, por orientar e subsidiar os aspectos teóricos, sem os quais a disciplina não pode ser estruturada, além de ser por meio dela que o aluno terá a oportunidade de buscar mais informações acerca dos assuntos da disciplina e de seu interesse.^{12,13}

Portanto, como forma de aprofundar a reflexão sobre a formação acadêmica do nutricionista no âmbito da EAN, este estudo, de caráter nacional, tem como objetivo analisar o conteúdo programático e as referências bibliográficas indicadas no plano de ensino das disciplinas de EAN nas IES do Brasil.

MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, de base documental, proveniente da pesquisa matriz intitulada “Formação do Nutricionista no campo da Educação Alimentar e Nutricional na perspectiva da Promoção da Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional”, que investigou a formação e atuação do nutricionista no campo da EAN no Brasil. O objeto do presente estudo corresponde à análise dos planos de ensino-aprendizagem da disciplina Educação Alimentar e Nutricional.

Para ter acesso aos planos, os docentes responsáveis pela disciplina de EAN foram convidados a participar do estudo matriz e a encaminhar esses documentos. A amostra foi composta por IES que ofereciam o curso de graduação em Nutrição no Brasil reconhecidos e autorizados pelo MEC até dezembro de 2016, englobando públicas e privadas, o equivalente a 381 IES. Os dados foram coletados entre maio e setembro de 2017, e analisados de abril a julho de 2018.

Para a análise, foi utilizada a Análise de Conteúdo proposta por Bardin,¹⁴ entendida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (Bardin, 2016, p. 50). Dentre os diferentes tipos de técnicas que podem ser adotadas para o desenvolvimento da análise de conteúdo, optou-se pela análise temática ou categorial.

A análise documental organiza-se em torno de três etapas: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A pré-análise compreende a leitura flutuante dos documentos em questão; é a fase de organização e sistematização de ideias a partir dos documentos que serão analisados, formulação e reformulação das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa em relação ao material coletado.¹⁴

A segunda fase consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas. A organização da codificação compreende três escolhas (no caso de uma análise quantitativa e categorial): o recorte (escolha das unidades - de registro e contexto); a enumeração (escolha das regras de contagem); a classificação e a agregação (escolha das categorias). A terceira fase identifica os conteúdos significativos contidos em todos os planos de ensino analisados.¹⁴

As variáveis de interesse deste estudo perpassam a análise do conteúdo programático da disciplina e as referências bibliográficas indicadas. Pretendeu-se conhecer os temas e conteúdos abordados, referências propostas para os assuntos descritos, principais autores, anos de publicação dos documentos e quantidade de referências na estrutura “básica” e “complementar”.

O projeto da pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília, Protocolo nº1.830.946.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa matriz 104 docentes, dos quais 34 enviaram o plano de ensino-aprendizagem. A Tabela 1 apresenta a distribuição regional e a natureza – pública ou privada – das instituições que enviaram os planos. A maior parte das IES respondentes pertence à área pública (n=20) e houve maior participação da Região Sudeste (n=12).

Tabela 1. Distribuição regional dos cursos de Nutrição das instituições de ensino superior públicas e privadas. Brasil, 2018.

Tipo de instituição	Norte (n=3)		Nordeste (n=8)		Sudeste (n=12)		Sul (n=8)		Centro-Oeste (n=3)		Brasil (n=34)	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Pública	2	66,7	6	75,0	5	41,7	5	62,5	2	66,7	20	58,8
Privada	1	33,3	2	25,0	7	58,3	3	37,5	1	33,3	14	41,2

Apesar de 34 instituições terem disponibilizado os planos, foram analisados 37, pois 9,0% (n=3) destas ofertavam a disciplina em dois semestres, gerando dois documentos diferentes. Aspecto semelhante foi observado por Franco,¹⁵ ao analisar a organização da disciplina de Educação Alimentar e Nutricional em cursos de graduação em Nutrição no Brasil. A autora verificou que das 12 IES públicas e privadas que enviaram os planos da disciplina para análise, em 83,3% (n=10) a disciplina era oferecida em apenas um semestre, enquanto 16,7% eram ministradas em dois semestres.

Para a identificação das unidades de registro, foi considerado cada tema descrito no conteúdo programático da disciplina, podendo ser uma frase inteira ou termos separados, com um sentido específico e completo. Vale destacar que os dados foram organizados de modo que um elemento não pudesse ser incluído em mais de uma categoria, respeitando o princípio da exclusão mútua.¹⁴ A partir das leituras detalhadas de todos os programas, identificaram-se 14 temas, apresentados na Tabela 2.

Tabela 2. Unidades de registro de conteúdo dos planos de ensino-aprendizagem da disciplina Educação Alimentar e Nutricional. Brasil, 2018.

Temas	Frequencia de ocorrência
Metodologias, técnicas, didáticas e recursos para trabalhar a EAN	74
EAN para diferentes públicos/ambientes	52
Correntes teóricas e pedagógicas da Educação	48
Histórico da Educação Alimentar e Nutricional	48
Planejamento, desenvolvimento e avaliação de projetos educativos	45
Comportamento alimentar	40
Antropologia e alimentação	31
Educação em saúde	23
EAN no campo de atuação do nutricionista	18
EAN para as políticas públicas	17
Guias alimentares	14
Comunicação	12
EAN e sustentabilidade	10
Mídias, publicidade e propaganda	8

A unidade de registro com a maior frequência de ocorrência foi “metodologias, técnicas, didáticas e recursos para trabalhar a EAN”, significando que, nos planos estudados, esse conteúdo foi evidenciado 74 vezes. O contexto desse tema envolve a aprendizagem de estratégias metodológicas, ativas e participativas, como: dinâmicas de grupo, rodas de conversa, demonstração, oficinas temáticas, debates, jogos, dentre outras técnicas individuais e coletivas.

Pesquisa realizada por Recine et al.¹⁶ investigou os conteúdos dos planos de ensino das disciplinas da área de Nutrição em Saúde Coletiva, identificando um conjunto de palavras que podem estar associadas ao processo educativo, como: ferramentas, materiais, planejamento, audiovisuais, pirâmide. Os materiais a que se faz referência são sobretudo didáticos e se relacionam com as práticas pedagógicas.

O tema “Planejamento, desenvolvimento e avaliação de projetos educativos” (n=45), diz respeito às etapas para o planejamento de projetos ou programas educativos, buscando trabalhar propostas educativas crítico-reflexivas.

O Marco de referência de EAN traz dentre seus princípios, o planejamento, avaliação e monitoramento das ações, e considera o planejamento etapa essencial para garantir a eficácia e a sustentabilidade das ações de EAN. Envolve etapas como diagnóstico, definição de metas e estratégias, alocação de recursos e estabelecimento de indicadores. Além disso, enfatiza-se a importância da participação das pessoas nos processos decisórios, para garantir a legitimidade e o sucesso das iniciativas.¹

Nos espaços de formação, busca-se cada vez mais trabalhar com uma educação crítica e dialógica, que rompe com o modelo de transmissão de conhecimento e é comprometida com a construção de conhecimentos como instrumentos de transformação social, em que há situações interativas de ensino e aprendizagem entre educadores e educandos. Em substituição à reprodução passiva, valorizam-se cada vez mais o intercâmbio de informações dos envolvidos no processo educativo e o estímulo à criatividade.^{4,17,18}

Já o contexto da temática “EAN para diferentes públicos/ambiente” (n=52) aborda a orientação ou aconselhamento nutricional nas diferentes áreas de atuação do nutricionista (consultórios, clínicas, unidades de alimentação e nutrição, atenção básica), bem como em escolas, espaços comunitários, para diferentes níveis socioeconômicos e realidades culturais, nas diferentes fases do curso da vida.

Nessa perspectiva, Boog¹⁹ propõe quatro etapas para o aconselhamento: construção de vínculo, estabelecimento do diálogo e diagnóstico inicial; exploração em profundidade; planejamento e implementação de ações; e integração. Essas etapas podem, por meio do exercício da escuta e do diálogo, contribuir para a compreensão da origem dos problemas alimentares, a identificação de padrões e comportamentos alimentares, despertar para a necessidade de mudança e possibilitar o desenvolvimento de autonomia para as escolhas alimentares, levando em consideração os diferentes públicos e contextos.

A unidade de registro “Correntes teóricas e pedagógicas da educação” (n=48) se relacionou ao estudo dos pensadores da educação, o processo de ensino-aprendizagem nas diferentes abordagens pedagógicas e a relação aluno-professor. A educação freireana e a pedagogia da problematização emergiram com evidência.

Pesquisa realizada em São Paulo, Brasil, analisou a percepção de professores, coordenadores pedagógicos e nutricionistas sobre seu papel no processo de educação alimentar e nutricional, no âmbito do Departamento de Alimentação Escolar. Os nutricionistas foram questionados quanto a sua formação na graduação e relataram que os aspectos pedagógicos não tiveram muito destaque na disciplina. Não foram mencionados como parte do conteúdo da disciplina as teorias educativas, fundamentos teóricos das ciências sociais e outros campos do conhecimento. Ressaltaram, ainda, que prevaleceram as ações pontuais balizadas

pelo modelo hegemônico biomédico e tradicional, em detrimento dos recursos educacionais problematizadores e permanentes.⁴

Essa realidade diverge, pelo menos em parte, dos resultados encontrados, em que essa temática obteve boa frequência dentre os conteúdos programáticos. É importante conhecer como esses conteúdos estão sendo trabalhados em sala de aula, visto que a menção no plano de ensino não permite analisar como o tema é desenvolvido.

O “Histórico da Educação Alimentar e Nutricional” (n=48) envolve, além do histórico da EAN no Brasil e no mundo, seus conceitos, fundamentos e objetivos. Já os temas “Comportamento alimentar” (n=40) e “Antropologia e alimentação” (n=31), apesar de estarem relacionados, foram trabalhados separadamente neste estudo. No primeiro, o foco estava voltado para os fundamentos do comportamento alimentar (componente cognitivo, afetivo e situacional), os determinantes psicossociais da seleção alimentar e estágios de mudança do comportamento alimentar, como por exemplo, o Modelo Transteórico.

Em outro estudo, foram analisados os planos de ensino-aprendizagem específico para a disciplina de EAN em 46 IES. As autoras mencionaram a abordagem do tema comportamento alimentar e seus determinantes, a partir da compreensão da formulação dos hábitos, e o quanto é essencial para o planejamento, implementação e progressão de ações educativas. Afirmam, ainda, que a presença desta temática indica uma melhoria em termos de mudança no ensino da graduação ao longo das décadas, o que pode afetar, progressivamente, a prática profissional.¹⁰ De acordo com Bertolin & Slater,²⁰ diversos métodos e abordagens são utilizados com o intuito de promover mudança no comportamento alimentar, dentre os quais está o Modelo Transteórico. Este modelo entende que o processo de mudança de comportamento é dinâmico e prevê momentos de avanços e retrocessos.

Já o tema “Antropologia e alimentação” abordou o valor social e cultural da alimentação e sua influência nas escolhas alimentares, considerações sobre o corpo na sociedade contemporânea, publicidade e práticas alimentares. Também abarcou os preconceitos, crenças, tabus, mitos e rituais relacionados à alimentação, os sentidos do comer e identidade alimentar.

A presença dessa temática nos documentos analisados reforça a importância da área de ciências sociais no ambiente da Nutrição. Franco & Boog²¹ explicam que há baixa representatividade de disciplinas como a Antropologia, Sociologia, Filosofia, Geografia e Psicologia nos cursos de graduação em Nutrição. Uma abordagem integrada a diferentes campos do conhecimento possibilita à EAN compreender os significados, aspectos simbólicos e as múltiplas dimensões da alimentação.

Para Rodrigues & Boog,²² a Educação Alimentar e Nutricional deve contemplar os conhecimentos do campo da Antropologia da Alimentação e os fundamentos teóricos do campo da Educação, para que esteja inserida em um contexto político-social de promoção da saúde e qualidade de vida. A interlocução entre a EAN e as ciências sociais e humanas é promissora para compreender hábitos, práticas e comportamentos alimentares.^{1,4}

No presente estudo, o tema “Comunicação” (n=12) apareceu nos planos no sentido de discutir a aplicação da comunicação e transmissão de mensagens em nutrição e saúde, as diversas formas de comunicação e técnicas para falar em público. Entretanto, esse conteúdo não se apresentou com frequência satisfatória, demonstrando que os planos não priorizaram esse assunto.

Estudo conduzido por Alves & Martinez²³ buscou identificar as competências gerais e específicas, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais, a partir das ementas das disciplinas do projeto pedagógico de um curso de Nutrição de uma instituição pública de ensino. Uma das competências analisadas ressaltadas

pelas autoras é a “Comunicação”, que, enquanto registro de conteúdo nas ementas, apareceu em apenas três disciplinas, sendo duas do primeiro ano do curso e na disciplina de Educação Alimentar e Nutricional, do 7º período.

Considerando que essa competência pode ser articulada à Educação Alimentar e Nutricional, e sendo esta de grande importância na constituição do nutricionista como profissional de saúde, permeando todos os campos de atuação, a “Comunicação” como competência deveria ser mais enfatizada e estar presente em toda a formação. Segundo Boog,³ as novas competências exigem do nutricionista uma formação para a atuação como educador em saúde, o que leva à necessidade de um redirecionamento dos cursos, pois o caráter muito biológico da formação ainda constitui o denominador comum. A formação como educador não se dá em apenas uma disciplina, mas é uma responsabilidade do curso e de todos os seus docentes.²³

Ainda sobre essa temática, Recine et al.¹⁶ identificaram uma relação entre a classe “Educação Alimentar e Nutricional e Comunicação”, caracterizada por palavras relacionadas ao processo educativo, com as classes “formação para atuação profissional” e “cultura e ciências sociais”. Termos como “comunicação”, “comportamento”, “fundamento”, “cognitivo” e “hábito” complementaram o sentido da categoria. A palavra “comunicação” se relaciona tanto com técnica quanto com teoria, fazendo a ligação também com o termo “educação”, geralmente abordado no que diz respeito à EAN.

Um último tema que mereceu destaque foi “Mídias, publicidade e propaganda” (n=8), por ter aparecido com uma frequência muito baixa, apesar de ser tão emergente e merecer maior discussão. O contexto citado nos planos foi: influência da mídia nos hábitos alimentares, educação como processo social (mídias e meios sociais de educação), marketing nutricional e peças publicitárias – prós e contras.

Com relação à importância dessa temática, Fischer,²⁴ ao discutir o conceito de dispositivo pedagógico da mídia e o modo de se educar pela televisão, ressalta que os meios de comunicação são fontes de informação, que produzem valores e representações variados, normalmente relacionados ao que devemos fazer com o corpo, como deve ser a alimentação, a qual estilo de vida deve-se aderir, entre outros exemplos. Esse autor concluiu que é quase impossível deixar de se falar em corpo nos espaços da mídia, pois as questões relacionadas a beleza, juventude e longevidade imperam na atualidade, estimulando a busca por um modo de “...sermos belos e belas, magros, atletas, saudáveis, eternos...”.

No presente estudo, também foram analisados dados referentes à bibliografia básica e complementar. Dos 37 documentos estudados, 10% (n=4) não apresentaram referências. Vale destacar que cinco planos não distinguiam entre básica e complementar – neste caso, consideraram-se todos os itens como bibliografia básica.

No plano de ensino-aprendizagem, há uma parte reservada à bibliografia, na qual o professor elenca um conjunto de obras relacionadas aos conteúdos desenvolvidos na disciplina. Em geral são indicadas as literaturas mais consolidadas, os principais pensadores da área, e o professor tem a possibilidade de orientar a busca pelo aprofundamento do estudo. Por isso esse espaço é importante, e se torna um problema quando não é utilizado.¹³

Ao explorar a bibliografia básica, foram encontradas 108 citações, das quais 31 apareceram mais de uma vez, no conjunto dos planos analisados, considerando o mesmo autor e mesma publicação, e 77 apenas uma vez. Quanto à bibliografia complementar, 121 foram citadas, sendo 94 somente uma vez e 27 mais de uma vez.

Na Tabela 3, estão apresentadas as referências que apareceram com maior frequência. O percentual foi calculado com base na ocorrência dessas obras nos 37 planos de ensino-aprendizagem estudados.

Tabela 3. Bibliografia básica e complementar presente nos planos de ensino-aprendizagem. Brasil, 2018.

Bibliografia	Básica		Complementar		Total	
	n	%	n	%	n	%
Diez-Garcia RW, Cervato-Mancuso AM. Nutrição e Metabolismo: Mudanças Alimentares e Educação Nutricional. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.	20	54	6	16	26	70
Linden S. Educação alimentar e nutricional: algumas ferramentas de ensino. 2. ed. rev. São Paulo: Varela, 2011.	20	54	5	13	25	67
Fagioli D, Nasser LA. Educação nutricional na infância e na adolescência: planejamento, intervenção, avaliação, dinâmicas. São Paulo: RCN Editora, 2006.	12	32	5	13	17	45
Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas. Brasília: MDS; 2012.	7	18	10	27	17	45
Freire P. Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa. 43a ed. Paz e Terra, 2011.	6	16	10	27	16	43
Brasil. Ministério da Saúde. Guia alimentar para a população brasileira. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.	5	13	9	24	14	37
Galisa MS. Educação alimentar e nutricional da teoria à prática. São Paulo: Roca, 2014.	10	27	3	8	13	35
Boog MCF. Educação em Nutrição: Integrando Experiência. Campinas – SP: Komedi, p. 151-231, 2013.	6	16	4	10	10	26

Observa-se que as principais referências presentes na bibliografia complementar já haviam sido contempladas na básica. Dentre elas, ressaltam-se as obras “Nutrição e Metabolismo: mudanças alimentares e Educação Nutricional” e “Educação Alimentar e Nutricional: algumas ferramentas de ensino”, que apareceram em 70% e 67% dos planos de ensino, respectivamente. A avaliação dos três primeiros títulos foi realizada através da análise de seus respectivos sumários assim, essas obras não foram lidas por completo.

A primeira obra tem alguns capítulos dedicados à discussão de conteúdos como hábitos alimentares e o sentido do comer, reflexões sobre a alimentação contemporânea, o corpo, a publicidade, analisados pela perspectiva socioantropológica, o histórico da EAN no Brasil, relato de experiências de programas e ações de EAN, além de técnicas, estratégias e tecnologias para a prática da educação nutricional.²⁵

Já no livro de Linden,²⁶ há um capítulo exclusivo para o tema da Educação, abordando conceitos, processo de ensino-aprendizagem e a relação entre ensinar e aprender. Traz também o que considera como o

conjunto de componentes do processo de ensino (o aluno, o professor, a disciplina, a motivação, os objetivos educacionais, o meio – sala de aula, creches, ambulatório – os métodos e técnicas, o material didático e a avaliação). Apresenta, ainda, os momentos didáticos do processo de ensino: reconhecimento e diagnóstico, motivação e/ou sensibilização, ação e avaliação.

Em boa parte da obra de Fagioli & Nasser,²⁷ os conteúdos trabalhados são referentes a recomendações dietéticas, avaliação do estado nutricional e avaliação do consumo. A outra parte, que pode ser a de maior interesse para a disciplina de EAN, está relacionada ao planejamento de intervenções educativas e programas de comunicação e reeducação alimentar, além de apresentar algumas dinâmicas lúdico-pedagógicas.

Em seguida, são apresentadas duas referências que apareceram em menos da metade dos planos de ensino, considerando tanto a bibliografia básica quanto a complementar, a saber: o Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas, com 45%; e a obra de Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia*, com 43%. Esperava-se uma citação maior de ambas, por serem grandes referências na área.

O Marco de referência é um documento que conceitua a EAN como um campo de conhecimento contínuo, permanente, transdisciplinar, intersetorial e de prática multidisciplinar, com o objetivo de promover hábitos alimentares saudáveis, autônomos e voluntários. Traz, ainda, um conceito ampliado do que é a EAN e define princípios para a prática.¹

O Marco traz que, dado o caráter intersetorial e multidisciplinar desse campo, há a possibilidade de que outros profissionais participem e se engajem nas atividades, além de terem acesso a programas de formação e educação continuada que abordem esse tema. Alguns exemplos disso estão na inserção dessa área na comunidade escolar, do desenvolvimento social e da saúde.¹ Essa interlocução com outras áreas demonstra a importância de formar profissionais nutricionistas para o exercício de práticas que dialoguem com as políticas públicas.

Ainda segundo esse documento, a prática da EAN deve fazer uso de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos que favoreçam o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais, considerando todas as fases do curso da vida, etapas do sistema alimentar e as interações e significados que compõem o comportamento alimentar.¹

Já com relação à obra de Paulo Freire, esta se torna importante no processo de ensino-aprendizagem considerando que a aplicação dos princípios freireanos pode estimular a capacidade dos estudantes de Nutrição de compreenderem criticamente as complexas inter-relações entre alimentação, saúde, sociedade e meio ambiente.

De modo geral, pode-se dizer que há uma coerência entre os conteúdos mais abordados com as bibliografias mais recorrentes. Essa inferência é contrária à encontrada em outro estudo que também avaliou os planos de ensino de EAN, em que houve fraca associação entre o quadro teórico proposto nas listas de referência e os principais conteúdos lecionados na disciplina.¹⁰

Como limitações do estudo, têm-se que a coleta e a análise dos dados foi realizada há mais de cinco anos e que nesse período os cursos analisados podem ter passado por alguma modificação, após implementação de reforma curricular. No entanto, a discussão segue sendo válida, visto que as Diretrizes Curriculares do curso de Nutrição ainda permanecem as mesmas. Outra limitação foi o fato de não ter sido analisado o processo de avaliação da disciplina, o que impossibilita fazer inferências quanto à forma que os conteúdos estão sendo trabalhados. Sugere-se, que haja outros estudos analisando mais a fundo a relação dos conteúdos e referências, fazendo uma avaliação minuciosa das obras indicadas, visto que este estudo se deteve na análise do sumário.

Como ponto forte da pesquisa, destaca-se a identificação dos temas abordados, possibilitando uma análise por parte dos docentes que ministram a disciplina, identificando lacunas e auxiliando na avaliação e aprimoramento da qualidade do ensino de EAN.

CONCLUSÃO

Pôde-se perceber que, dentro do conteúdo programático da disciplina de Educação Alimentar e Nutricional, existe um olhar voltado para trabalhar as metodologias, técnicas, didáticas e recursos. Há também uma grande valorização dos projetos educativos. Observou-se uma coerência entre esses conteúdos com as referências propostas.

Apesar de ser um ponto positivo a boa frequência com que os temas relacionados à Educação e à Antropologia da Alimentação apareceram, foram poucas as bibliografias que tratavam das temáticas. Um ponto frágil encontrado foi com relação a mídia, publicidade e propaganda, pouco abordado, visto que é um tema que precisa ser fortemente debatido dentro do curso.

Espera-se que os resultados deste estudo permitam refletir sobre o impacto da formação em EAN no perfil profissional do nutricionista. É estratégico pautar a importância da EAN como um dos eixos estruturantes para a organização da formação da força de trabalho no campo da Nutrição, sendo que sua abordagem integrada pode possibilitar o desenvolvimento de competências que permitam ao nutricionista atuar de forma transformadora e contextualizada. Logo, mudanças curriculares são necessárias para fortalecer a construção da disciplina de EAN e suas ementas, bem como sinalizar a proeminência da articulação interna de diferentes áreas de conhecimento, tendo como base as orientações das DCNs.

Por fim, salienta-se a importância de se estudar esses planos, uma vez que se trata de um documento orientativo e norteador no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas. Brasília (DF): MDS; 2012.
2. Santos LAS. O fazer educação alimentar e nutricional: algumas contribuições para reflexão. Cien Saude Colet [Internet]. 2012 [acesso 12 nov 2017];17(2):455–62. Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/o-fazer-educacao-alimentar-e-nutricional-algumas-contribuicoes-para-reflexao/6615?id=6615>
3. Boog MCF. Atuação do nutricionista em saúde pública na promoção da alimentação saudável. Revista Ciência & Saúde. 2008;1(1):33–42. <https://doi.org/10.15448/1983-652X.2008.1.3860>
4. Nascimento VM. Educação Alimentar e Nutricional: percepção de professores, coordenadores pedagógicos e nutricionistas. São Paulo. Dissertação [Ensino em Ciências da Saúde] - Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde, Universidade Federal de São Paulo; 2016.
5. Vasconcelos FAG. O nutricionista no Brasil: uma análise histórica. Rev Nutr. 2002;15(2):127–38. <https://doi.org/10.1590/S1415-52732002000200001>
6. Camossa ACA, Costa FN do A, Oliveira PF, Figueiredo TP. Educação Nutricional: uma área em desenvolvimento. Alim Nutr [Internet]. 2005;16(4):349–54.

7. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 5, de 7 de novembro de 2001. *Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição*. 2001. Publicação D.O.U. 09/11/2001.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 704, de 20 de outubro de 2022. Aprova as contribuições do Conselho Nacional de Saúde à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição. 2022.
9. Leal RB. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. 2005. <https://doi.org/10.35362/rie3732705>
10. Recine E, Porto EBS, Fernandez PM, Pereira MR. Analysis of nutrition (and food) education syllabus of nutrition undergraduate courses. *Rev Nutr*. 2016;29(6):885–97. <https://doi.org/10.1590/1678-98652016000600012>
11. Spudeit D. Elaboração do plano de ensino e do plano de aula [Internet]. Rio de Janeiro; 2014. [Acesso 18 out 2017]. Disponível em: <https://www.unirio.br/cchs/eb/arquivos/licenciatura/ELABORA-CAO%20DO%20PLANO%20DE%20ENSINO%20E%20DO%20PLANO%20DE%20AULA.pdf>
12. Gil AC. Metodologia do ensino superior. 4º ed. São Paulo: Atlas; 2012.
13. Teixeira MC. Metodologia do ensino superior. Paraná; 2015. [Acesso 03 ago 2018]. Disponível em: <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/handle/123456789/598>
14. Bardin L. Análise de conteúdo. 70º ed. São Paulo: Edições 70/Almedina Brasil; 2016.
15. Franco AC. Educação Nutricional na formação do nutricionista: bases teóricas e relação teoria-prática. Campinas-SP. Dissertação [Mestrado] - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas; 2006.
16. Recine E, Sugai A, Monteiro RA, Rizzolo A, Fagundes A. Saúde coletiva nos cursos de Nutrição: análise de projetos político-pedagógicos e planos de ensino. *Rev Nutr*. 2014;27(6):747–60. <https://doi.org/10.1590/1415-52732014000600009>
17. Batista N, Batista S. Docência em saúde: temas e experiências. Em: Marsiglia RMG, organizador. *Docência em saúde: temas e experiências*. 21ª ed São Paulo: Editora Senac; 2007.
18. Batista NA. Educação Interprofissional em Saúde: Concepções e Práticas. Caderno FNEPAS [Internet]. 2012 [Acesso 11 jul 2018];2:25. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4298824/mod_resource/content/1/educacao_interprofissional.pdf
19. Boog MCF. Educação em Nutrição: Integrando Experiências. 1º ed. São Paulo: Komedi; 2013.
20. Bertolin MNT, Slater Villar B. Aplicação do modelo transteórico em estudos de nutrição. Em: *Mudanças alimentares e educação nutricional*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2011.
21. Franco AC, Boog MCF. Relação teoria-prática no ensino de educação nutricional. *Rev Nutr*. 2007;20(6). <https://doi.org/10.1590/S1415-52732007000600007>
22. Rodrigues ÉM, Boog MCF. Problematização como estratégia de educação nutricional com adolescentes obesos. *Cad Saúde Pública*. 2006;22(5):923–31. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000500005>
23. Alves CGL, Martinez MR. Lacunas entre a formação do nutricionista e o perfil de competências para atuação no Sistema Único de Saúde (SUS). *Interface: Communication, Health, Education*. 1º de janeiro de 2016;20(56):159–69. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.1336>
24. Fischer RMB. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*. 2002;28(1):151–62. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011>
25. Diez-Garcia RW, Cervato-Mancuso AM. *Nutrição e Metabolismo: Mudanças Alimentares e Educação nutricional*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2011.

26. Linden S. Educação alimentar e nutricional: algumas ferramentas de ensino. 2º ed. São Paulo: Varela; 2011.
27. Fagioli D, Nasser LA. Educação nutricional na infância e na adolescência: planejamento, intervenção, avaliação e dinâmica. São Paulo: RNC; 2006.

Colaboradoras

Moraes IC e Almeida GM participação na idealização do desenho do estudo, na coleta, análise e interpretação dos dados, na redação do estudo e na revisão final e aprovação do manuscrito para submissão; Recine E participação na idealização do desenho do estudo, na análise e interpretação dos dados, participação na revisão final e aprovação do manuscrito para submissão.

Conflito de Interesses: As autoras declaram não haver conflito de interesses.

Recebido: 01 de julho de 2023

Aceito: 03 de abril de 2024